N.º 34 (156) — 3.º ANNO | Terça-feira, 4 de Julho de 1911 | PREÇO 20 RS.

Semanario de caricaturas e humoristico
Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ
DIRECTOR E EDITOR
ESTEVAO DE CARVALHO
CARICATURISTA
SILVA E SOUSA
ADMINISTRADOR
RICARDO DE SOUSA

Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

SUCCESSOR DO JORNAL «O XUAO»

Redacção e administração: R. da Rosa 162, 1.º, Esq.º—LISBOA

COICEADOR COICEIA Á VONTADE

Emquanto ahi houver caixa das almas não fraquejes por que vae entrando o BAGO dos papalvos e convence-te que este é o verdadeiro Deus na terra representado pelo Santo Papa na DITA.

PROJECTO DA CONSTITUIÇÃO POLITICA DA REPUBLICA PORTUGUEZA

Apresentado á Assembleia Constituinte por Fulano de Tal

CAPITULO 1.º

Territorio Nacional e forma de Governo

Artigo 1.º—A forma do governo que succedeu á anarchia constitucional é a de Republica Democratica.

Art. 2.º—O territorio portuguez comprehende: as antigas provincias no continente, com mais Soájo e outras pequenas povoações não civilisadas e com excepção dos consulados, Chat-noir, Ilha dos gallegos, etc., que serão do dominio extrangeiro; as ilhas adjacentes, as povoações antigas da Africa, os Estados da Azia, e na Malazia, Timor, excluindo Cintra e Estoris, de dominio cosmopolita.

§ 1.º—A lingua é a portugueza, corregida por Candido de Figueiredo, encontrando-se tambem ramificações de lingua de trapos e em algumas partes, lingua de vacca. Na Africa abunda a «bunda.»

CAPITULO II

Dos cidadãos

Art. 3.º — São cidadãos portuguezes.

I—Os cidadãos nascidos no territorio.

II—Os cidadãos de Tuy, naturalisados.

Art. 4.º—Perde o direito de cidadão portuguez:

I—O cidadão portuguez residente em Orense, empregado no trafico de armamento para o rei.

II O cidadão fallecido muito embora esteja recenceado.

III O cidadão amigo de debellar a crise vinicula.

Art. 5.º—Constam os direitos do cidadão portuguez:

I—Poder ser preso por agentes de segurança.

II—Ser atropelado pelos monopolios do paiz.

III—Ter uma cidadã para uso cazeiro e varias para uso externo.

IV—Ser preso para averiguações.

V—Manifestar-se aos governos.

VI—Ter uma filha que seja desflorada pelo abbade da freguezia.

CAPITULO III

Dos poderes do paiz

Art. 6.º—O povo é o unico soberano, mas como os soberanos estão fóra de móda, terá de se submetter aos poderes publicos do paiz.

§ 1.º—Elles são: O Legislativo, o Executivo, e o Judicial.

§ 2.º—O primeiro será exercido pela Assembleia Nacional Constituinte; o segundo pelas instituições creadas para esse fim, e o terceiro pelo Supremo Tribunal de Justiça.

Art. 7.º—§ unico. Haverá um presidente para uso externo perante as outras potencias mas sem potencia interna. Compete ao presidente:

I—Dormir socegadamente.

II—Não dar a sua opinião para não levantar conflictos.

III—Comer com apetite.

IV—Receber o ordenado estipulado sem reclamar.

V—Manifestar se reconhecido e commovido para com o povo.

E' de direito exclusivo do presidente:

I—Um palacio para receber os extrangeiros.

II—Uns aposentos ricamente mobilados.

III—Cocheiras cheias de trens.

IV—A cozinha cheia de carne.

CAPITULO IV

Do poder Legislativo

Art. 8—A Assembleia Nacional Constituinte será dividida em duas partes: a 1.ª composta dos representantes das terras incultas e autropóphagas e a 2.ª dos representantes das cidades do paiz.

Art. 9.º—A meza será constituida por um presidente, um vice presidente e 2 secretarios.

§ 1.º Compete ao presidente:

I—Faltar ás sessões.

II—Ir lá quando não houver numero.

§ 2.º E' do encargo do vice presidente:

I—Não faltar nunca.

II—Não se fazer ouvir.

III—Saber dizer: «Ordem, ordem» e ser agil em tocar a campainha.

§ 3.º—Compete aos secretarios:

I—Escreverem que nem umas bestas.

II—Terem ares preocupados.

III—Saber lêr correctamente e contar até 200.

Art. 10.º—Todo o projecto de Lei deve passar pela assembleia. Ser discutido e mandado a commissões para esse fim nomeadas

§ 1.º Compete a essas commissões:

1.º—Formarem commissõesinhas.

2.º—Discutirem o projecto.

3.º—Pedirem a demissão por incompetencia.

Art. 11.º—Compete aos representantes do Povo: Apoiar, discutir, conversar, apresentar projectos, e pedir a demissão.

§ 1.º—Para esse fim dividir-se-hão os deputados em secções assim designadas.

1.ª—Secção manifestativa—*compete a ella promover manifestações expontaneas, marchas ao flambeaux, saudações, e abraços a oradores.*

2.ª Secção contraditoria—*compete: estar sempre em desaccordo com tudo que se diz.*

3.ª—Secção de trabalhos — *compete: escrever cartas para serem mandadas por continuos, pedir agua, e verificar se as galerias estão concorridas.*

4.ª—Secção de paz,—*compete: não ir lá, ou passear nos Passos Perdidos.*

§ 2.º—O patriotismo e altruismo dos representantes do Povo serão gratificados com 5000 réis diarios, roupa lavada cama...ra e meza...do orçamento.

Art. 12.º—Quando o chefe d'estado não concordar com alguma deliberação da Assembleia esta pedirá, magoada, a demissão nomeando-se então commissões organisadôras de manifestações populares para ella retomar o fio aos seus trabalhos.

Art. 13.º—Para maior comodidade dos representantes do povo a meza irá a casa de todos aquelles que não compareçam, informando os do que se passou e pedir-lhe para acceitarem o ordenado.

§ unico—São considerados traidores á patria aquelles que não acceitem o subsidio a que téem direito.

Art. 14.º—Compete á Assembleia Nacional. dar contas ás massas populares das massas do Estado, baratear as maças alimenticias e tratar de outras massadas.

Art. 15.º—E' prohibido aos representantes, bulir nas leis pelo governo promulgadas, sendo tal considerado uma offensa pessoal e indigna de pessoas de 5000 réis.

Art. 16.º—A' Assembleia Nacional compete promover festanças rijas, cortejos, saraus, exposições, congressos, e no caso de tal não se fazer, ella é tida como não zelando os interesses do paiz.

(Continúa)

Affonso Costa

Em breve este nosso querido amigo conta retomar a pasta da justiça, onde tem prestado innumeros serviços.

Folgamos em poder dar aos nossos leitores tão grata noticia, pois Affonso Costa, bem preciso é actualmente n'aquella pasta, a fim d'uma vez para sempre se liquidar a discussão da lei da Separação do Estado das Egrejas, e os snrs. bispos e padres «reaccionarios,» entrarem na ordem.

Assim ha poucos...

O vereador Ventura Terra não se farta de apresentar projectos e mais projectos todos catitas e pendentes a alindar a nossa Lisboa.

E' uma ventura para esta terra...

Trapassa em innumeros actos e immensos quadros — Musica da fallecida Companhia dos Ascensores e lettra muito miuda da Companhia dos Electricos e d'uma vereação thalassa

Se «com papas e bolos se enganam os tolos» com lettra miudinha intrujam-se os espertos.

Somos nós todos, os habitantes de Lisboa, os espertos d'este caso.

E' sabido como os governos monarchicos nos traziam comidos e chupadinhos até á medula dos ossos.

Claro, que as camaras municipaes, para não fazerem excepção a esta honrada regra, ajudavam tambem a tirar, tanto quanto estava nas suas posses, a pelle ao mizero Zé-Pagante.

As lindas trapaçarias era pão de cada dia no amado regimen deposto.

O dolo e a intrujice descarada era a norma d'aquella gente, e quem não intrujasse e não roubasse com muita honra não alcançava a carta de conselheiro.

Assim a Camara Municipal de Lisboa, de 1898, ou alguem á sombra d'ella, lembrou-se de comer muito bem comidinho e intrujar muito bem intrujadinho o grande *Zé Papalvo*, que tinha e ainda tem o costume de, sem sair de terra, se deixar ir no bote.

Foi quando se fez o contracto dos electricos. O governo e a Camara tinham approvado as bases que apenas davam á Companhia Carris de Ferro a concessão do systema de viação mechanica por meio de *troley*. O contracto fez-se e assignou-se. Era um contracto senão bom pelo menos escapatorio. Apenas se cedia auctorisação para aquella companhia ter o exclusivo do systema de viação por meio de carros electricos. Mais tarde podiam-se fundar novas emprezas de transportes, como a Auto-Omnibus, que, infelizmente, caducou, e estabelecida a concorrencia, o *Zé*, vir ainda a ter carreiras baratas, o que era uma felicidade nunca experimentada n'uma terra em que até a agua se vende a 200 réis cada metro e os contadores se pagam a seis vintens mensaes sem nunca chegarem a ser de quem os paga!

Mas se o contracto era escapatorio para o Povo não era tão bom para a Companhia quanto ella o desejava. O Povo não era, nem é, nem nunca foi considerado alguem. A companhia que já começava a ser soberana, é que mandava, e era preciso que apenas os seus interesses fossem tomados em consideração.

Aquelles lindos inglezinhos não vinham para cá senão para inglez ver... como é que se tiram os olhos aos portuguezes, e a Companhia queria grandes lucros, massas e muitas massas, nem que o Zé-Povinho ficasse magro e espinhado que nem um bacalhau secco.

O que ella queria era o monopoliosinho. Um monopolio que lhe entregasse a cidade inteirinha prompta a ser explorada pelos poderosos capitalistas.

O que a Companhia queria era que isto fosse d'ella. Queria ficar a Omnipotente, a toda Poderosa, a unica proprietaria das ruas de Lisboa, a Soberana.

E ficou!

Moveram-se os cordelinhos, calçaram-se as luvas e prompto, papo! Onde estava uma simples concessão appareceu um monopolio!

Onde estava uma simples cedencia appareceu uma vergonhosa entrega traiçoeira, uma enfeudação da cidade de Lisboa á Companhia dos Electricos.

Uma simples entrelinha, uma rapida batotinha consumou o acto. Meia duzia de *lettras muito miudinhas* segundo os peritos que depois examinaram, o contracto, entregaram todas as ruas de Lisboa ao syndicato de St.º Amaro.

Foi a lettra miudinha que nos tramou... e nos continua a tramar. E' a lettra miudinha que vamos analysar.

Vamos a isso.

Ao Postigo

COUCEIRADA

Couceiro conspirador,
Fica te lá com mais esta
Alem de seres traidor,
Sem honra nem pundonor,
Mostraste ser uma besta!

E andavas tu na fronteira
Para afinal, meu jumento,
Ir's de ventas á Torneira
E da mais simples maneira
Ficares sem armamento!

A Hespanha chamou um figo
Aos revolvers e ás pistolas;
E agora, Couceiro *amigo*
Tens que ir procurar abrigo
Nas saias das hespanholas!...

Só uma acção que se veja
Te pode livrar a pelle:
Pega no Bispo de Beja,
Vae recebe-lo na egreja
Ou vae-te amigar com elle!...

Chronista

Coitados!

Havia um conspirador em Coimbra chamado Peça.

Se era esta a melhor arma quo elles tinham ficaram desarmados!

Quando irá?

Quando é que o sr. Alfredo de Magalhães parte outra vez para fóra de Lisboa?

Não ha nenhuma comissão extraordinaria para elle?

Parece impossivel!

Epigrammas

(De *Viu-se Grego*).

Dizia Amelia ao Cortez
Falando do Zebedeu:
—Alli onde tu o vês
Tem muito, muito de seu!

Responde este em voz pausada:
—Com que então o Zebedeu
Tem muito, muito *de seu?*...
E *dos outros* não tem nada?!

—Encontrar-se na Biblioteca á leitura o nosso jornal *O Zé*.

—Ás dez e meia ter se lá «A Capital» que sae ás oito e meia.

—Saber-se com quanto se adeantaram os particulares, alguns dos quaes andam para ahi a gosar, visto já estar-mos fartos de ler referencias aos adeantamentos á casa real, por já saber-mos ha muito que ella era uma refinadissima gatuna!

—Encontrar-se typo mais crava do que um cabo Neves de infanteria 16 que foi sempre um refinadissimo *thallassa* e agora anda a cantar que é um grande republicano, desde 31.

—O Nobre encontrar melhor *amigo* do que este.

—A Zulmirinha das Variedades deixar de ser ingrata e lembrar se do seu Joventino da infancia.

—O Chronista parlamentar do Seculo fazer chronicas que se percebam.

—Haver bicho carêta que não faça um projecto de Constituição.

—Saber-se quaes os deputados que estão sempre a pedir ordem, ordem.

—Morrêr o Pintor.

—O Viu-se grêgo ir buscar o Chapeu de Chuva que está a concertar ha quasi meio anno.

—O Sr. Anselmo Brancaamp não dar em doido.

—Saber-se no novo regimen das horas quando é que está o ponteiro entre as duas.

—A Lucta deixar de fallar em boatos, boateiros e comp.ª

—O «Figaro» de Paris deixar de publicar injurias á Republica pagas pelos jesuitas.

—O Congresso Eucharistico de Madrid dar alguma coisa de util á sociedade.

Epitaphio

Jaz aqui n'este logar,
N'uma cova muito funda,
Um sujeito de Thomar
Que falleceu a cantar
Os *héroes* lá da Rotunda!

Rijo como um pêro!

Ha deputados que não querem presidente só pela difficuldade em arranjar um cidadão capaz.

Oh! homens se a duvida é essa vae-se buscar o Zé Luciano que ainda é homem aproveitavel!

Por 100 contos faz-se a coisa...

Festa de José Casmiiro

E' no proximo Domingo que na bella praça do Campo Pequeno, realisa a sua festa o nosso primeiro cavalleiro tauromachico José Casimiro, que está envidando todos os seus esforços para que a corrida resulte magnifica.

Podemos já assegurar que entre outros elementos, teremos n'essa tarde a reapparição de Manoel Casimiro, o que é uma garantia de que a lide a cavallo será explendida, tanto mais que o curro pertence ao nosso primeiro ganadero Emilio Infante da Camara.

Tudo se prepara para que a festa de José Casimiro deixe inolvidaveis recordações.

O DENTE do reconhecimento

B.—Vamos senhores não tenham receio, isto vae sem dôr.
ZÉ—Parece que a **COISA** os pôz com a cara á banda e as dôres que devem sentir ainda os faz ter mais receio de arrancar o tal **CANINO DO RECONHECIMENTO.**

Casos bicudos

Bonita cantiga a dos que se empregam a intrujar o Povinho e á custa do Povinho vivem.

Nós andamos ha annos a ouvi-los e a le-los e é sempre a mesma embaidela em discursos de rethorica inflamada e em artigos de tiragens empolgantes, mas tudo armado ao efeito, tudo cheio de não presta, para não dizer ôco, porque ôco tambem é o coração e tem lá dentro muita coisa bôa.

Alli não ha senão cantiga e só cantiga, rethorica e só rethorica.

Nada de factos positivos, nada que represente directamente interesse para o pobre João Ninguem, nada que se possa ver!

Olhem vocencias para o Parlamento genuino representante do Povo.

Pede-se a urgencia para tratar da amnistia aos ferro-viarios e negam-na. Reclama-se urgencia para discutir o subsidio aos deputabos, as massarocas a largar aos representantes do Povo e logo é aceeite sem mais demoras, como se alli estivesse uma assembleia de typos interesseiros apenas a tratar dos seus subsidios, das suás massas, e não uma reunião de amigos da patria, que como elles apregôam aos quatro ventos estão promptos a sacrificarem-se pelo povo, e só os interesses d'elle advogam.

Parece, até n'aquelle caso, que os ferro-viarios não são do povo.

E' que isto é tudo balela, tudo narcotico adormecedor, tudo canto de sereia.

E o Zé-Povinho que tome da narcotina e se deite a dormir á sombra dos seus artigos de fundo e embalado pelos tropos dos-discurseiros que verá onde vae parar. Ponha-se a dormir agora em cima das glorias de 5 de Outubro, como d'ante adormeceu á sombra das glorias das comquistas e verá como lhe dorme tambem a fazenda!

Não abra os olhos, não tire as gafanas qne nos lhe andamos aqui a apontar no nosso dever de pioneiros de tudo o que é bom e que represta melhoria immediata para si, e verá como elles hão-de engordar e medrar á sua custa...

Já em 1848, em França, o povo cheio de fome exclamáva: «Sacrificamos trez mezez de mizeria ao serviço da Republica, ao passo que os nossos representantes e os senhores do novo governo até ao ultimo beleguim recebiam com regularidade os seus proventos!

E vinha logo a cantiga:

«Tende paciencias, meus amigos, o governo vae tratar do assumpto e aguentaivos por hoje com os quarenta «sous» (400 reis). Descança rude trabalhador, que toda a vida tens penado!» (*)

E prompto! Descança rude trabalhador! Aguenta-te no balanço.

Isto parece até piada á gente.

Applica-se á politica portugueza, como pastilha em chapeu de Camacho.

Por cá tambem quando pediam melhorias de situação, mandavam-os esperar e aguentarem-se no balanço emquanto elles iam augmentando os ordenados a certos empregados e creando empregos e commissões de muitos mil reis.

E' quea cantiga è a mesma em toda a parte. Cantiga em francez, ou em hespanhol com mais ou menos «salero» ou em portugues é sempre cantiga. Visa sempre o mesmo fim.

Que se quer é o Povinho resignado, adormecido n'aquelle grande somno apatico mas laborioso que vae levantando pontes, abrindo estradas, rasgando o sub-solo, açoreando portos, construindo muralhas.

Que vá trabalhando e dormindo na inconsciencia do que é e quanto vale, para que as coisas vão aparecendo feitas e os impostos se vão cobrando e os acionistas das grandes emprezas vão recebendo em casa os fabulosos lucros que as mais das vezes nem sabem d'onde veem. E para isso, para que o monstro durma, insensivel ás sanguesugas é que elles usam a cantiga ensaiada em côro dos oradores sugestionadores da multidão e dos articulistas orientadores da opinião publica.

E o côro começa então regido imperiosamente pelo dinheiro, e ouvido de bocca aberta pelo palerma collossal, que somos nós todos, sem offensa de alguem esperto que nos leia.

Os oradores dizem: «o povo è bom, o povo não é mau, é o grande, o generoso, o soberano, que não pode nem deve pagar mais... mas ha-de pagar».

Os jornaes se rebenta uma greve, ou alguma classe mal remunerada se começa a agitar, veem logo logo com a sua grande chronica a aconselhar prudencia, a mandal-os esperar mais um bocado, em nome da cosolidação da Republica, pois açima de tudo os interesses da Patria e a integridade da mesma senhora.

Falam nos interesses da patria, no bem estar da nação, nas prosperidades do paiz e mandam o povinho reculher aos casebres d'onde saiu para não dar abalo ás instituições. O povinho mette as reclamações no sacco do esquecimento e a gente fica-se a pensar que diabo de patria, de nação, e de paiz são que teem uns interesses contrarios aos do povo.

Para melhorar os interesses da patria tem que se prejudicar os interesses do Povinho.

Não está mal apanhada esta patria!

* *
*

Um jornal de fóra dá-nos esta noticia:

«Um juiz de Valparaizo (Chili) acaba de lavrar uma sentença deveras curiosa. A auctora era uma ama de leite, que exigia uma indemnisação ao seu seductor. O reu era um pobre marinheiro, sem recursos, ao passo que a ama estava empregada n'uma casa rica.

A sentença do original juiz foi esta:

Considerando que a auctora está em melhor situação financeira que o reu, não devendo demandal-o por indnmenisação alguma, visto não poder pagar;

Considerando que o reu foi o causador de a auctora ter melhorado de situação;

Por isso o absolvo e condemno a auctora a pagar ao reu dez duros (dez mil reis mensaes».

Ai meninos! Ai ricos filhinhos! Digam lá se não é caso para a gente desejar viver n'aquelle Valparaizo que vale muitos paraizos, para sermos seduzidos por uma ama de leite e abichar-mos inda por cima dez «milhos» cada mez!...

*
* *

O sr. Julio da Fonseca diz-nos que mandou em fins de setembro uma carta para o Porto, e que ella, não sendo encontrado o destinatario andou por Seca e Meca e só agora lhe veiu parar á mão.

O caso não é muito para admirar, demais que tem desculpa muito admissivel.

Foi em fins de setembro que o sr. Fonseca a deitou no correio. Em principios de Outubro rebentou a revolução e ella escondeu-se com medo. Varias vezes quiz aparecer mas trazia o sello da monarquia e receiou do periodo revolucionario. E quem sabe se causaria dificuldades á Republica? Por isso deixou-se ficar.

Agora que entrou na normalidade, louvado seja o pipi do menino Affonso Gosta, voltou ao seio da familia amada.

Ora aqui está!

(*) Kropotkine.

Viu-se-Grego

Theatro Rocio-Palace

Na noticia do passado numero sahiu *dia* por *chá*.

Está feita a emenda.

Cinco de Outubro

Raiou emfim esse dia
Ha tanto tempo sonhado!
E esse povo que vivia
A's duras leis algemado,

Ao troar dos seus canhões
N'um grito d'alma vibrante,
Despedaçou seus grilhões,
Mostrou-se austero, arrogante!

Quantos ais, quantos gemidos,
Quantas lagrimas de dor,
P'ra livrar os opprimidos
D'um regime corruptor!

Povo audaz, nobre, guerreiro,
D'uma rara heroicidade
Assombraste o mundo inteiro
Morrendo p'la liberdade!

N'um gesto heroico, sem par,
Provaste mais uma vez
Que ninguem pode ultrajar
Este solo portuguez!

E a bandeira victoriosa,
Que de entre as balas se ergueu,
Mostra altiva e magestosa
Que Portugal não morreu!!!

Xavier de Magalhães (Gamalhães)

Salão Trindade

E' sem duvida um dos melhores cinematographos da capital. Todas as noites ha novas fitas e as ultimas novidades do extrangeiro são apresentadas successivamente ao publico, accrescendo ainda fazer-se ouvir um bello sextetto em todas as sessões.

HEROISMO DA "DONA„ BISPO DE BEJA

Então que nos dizem á apprehensão do armamento em Hespanha?

Soberbo, hein!

Como sabem era o vapôr *Gêmma* que trazia o tal carregamento de machinismos.

Realmente eram machinismos, mas d'aquelles que atiram um homem para a outra vida ainda mais depressa do que se atira da França para cá.

Que bello nôme que o vapôr tinha! Gêmma! Que bôa gemada não sahiria d'alle se a *clara* não a transtornasse!

È um «têso» o sr. Paiva Couceiro! Aquella vaidosa mulher, mais conhecida por Bispo de Beja, prendeu-o pelo beiço!

Calculem se o armamento chegava ás mãos d'este *mélro*!

Emquanto não encontrasse a pestola de maiór corônha, não descançava! E depois era até disparar...

Constou-nos que o desembarque do armamento seria feito d'esta maneira:

O *Gêmma* chegar-se-hia á praia o mais possivel, a tripulação passava as armas para a praia, não em caixotes mas em trouxas.

Na praia encontrar-se-hiam Paiva Couceiro, Alvaro Chagas, o Bispo de Beja, miguelistas, carlistas, orleanistas e manuelistas. (Que sucia de malandros!)

Estes «assalariados» levariam depois as trouxas ao seu destino.

O bispo de Beja andava tão enthusiasmado que chegou a dizêr:—« Eu é que quero aguentar com a trouxa maiór!»

E levava-a porque tem força de rins, o patife!

Afinal de contas o que elles levaram todos foi um rombo nas massas da conspiração que não foi tão pequeno como isso!

Quem ficou mais arrombado foi o D. Sebastião! Não admira.

Já é entrádo...na edade!...

O Chrcnista

Sem Rei nem Roque

No theatro Avenida tem alcançado o mais pleno agrado esta revista sem duvida uma das melhores que tem aparecido ultimamente. Com musica agradavel, scenario apropriado, guarda-roupa luxuoso, e um bello grupo de artistas é peça destinada a successo se a empreza a souber réclamar. Temos essa esperança, pois seria uma pena que marchassem pela caixa do ponto ainda tão novinhos os quadros do dr. e da esquadra, entre outros.

Dos auctores já consagrados pelo publico, os srs. dr. Xavier da Silva e João Bastos, como o attestam o «Olho da providencia», «Dr. Zebedeu» eto são merecedores pe todo o aplauso.

Salles Ribeiro

Este nosso prezado amigo chegou do Porto com a companhia do Apolo de que é um dos mais valiosos elementos.

Felicitamol'o e em breve lá o vamos ver e aplaudir.

— Ai visinha, outros tempos outros costumes.

— Sempre foi uma grande verdade.

— Dantes ia a gente á egreja e até era uma consolação vel a tão cheiinha, louvado seja o Senhor.

— *Seja* não, louvado *fosse*...

— Fosse louvado?

— Pois claro, que isto agora mudou tudo: outros tempos outros costumes!

— E' verdade que sim.

— Eu até já ouvi dizer que Deus não é Deus...

— Está tudo mudado...

— Tudo virado de pernas para o ar.

— Os padres até já podem casar.

— Ai mãe santissima! O que irá ser do mundo com os padres á solta?!

— D'antes ainda a coisa ia bem...

— Tinham um freio. Não podiam casar...

— Pois era...

— Mas agora a coisa muda de figura.

— D'antes o padre era só padre.

— Agora é padre e homem!

— Mãe do ceu! E' o mesmo que dizer: padre e bicho!

— Mas ainda isso não é nada?

— O quê, ainda ha mais?

— Pois claro. Tambem se podem divorciar...

— O quê separar das mulheres?

— Sim.

— Olha que grande pouca vergonho!

— E para isto tudo é preciso uma infenidade de papeis e de documentos.

— Isto agora é tudo um missal enorme.

— Por qualquer coisa, papeis e mais papeis.

— Para pagar uma contribuição d'uns cobres, — e olhe que é pagar! — é preciso uma pessôa levar a Fabrica do Papel do Prado ás costas...

— D'antes não era nada d'estas chatices.

— Tudo feito com rapidez e simplicidade.

— Os padres não precisavam casar e divorciar-se.

— Fazia-se tudo mais rapidamente.

— Despedia se uma ama e mettia-se outra!

João d'Alem.

O Poema da rua

Em que o auctor, indo na linda figura em que o deixámos descripto no soneto anterior, encontra uma fava enorme; completamente desanimado põe um brusco termo ao seu Poema.

Eis o dêdo terrivel do destino
A apontar-me o caminho verdadeiro:
—Vae á fáva, ó poeta chocarreiro,
O' cerebro tacanho e pequenino!

Comprehendo o meu grande desatino,
Desperto d'este sonho tão fagueiro,
Manda-me á fava o universo inteiro...
Traição! O' ironia que abomino!

Pobre de mim! que consagrei á Arte
Todo o meu esforço humilde mas sincero,
Hei de ser desgraçado em toda a parte!

Gloria! não me sorris? Eu te maldigo,
Tens sido para mim peor que o Néro!
Mandas-me agora á fava... Irei comtigo!

Mnnoel Chagas

Do nosso collega *Zé Pimenta* recebemos uma carta em que as oito fôlhas de papel só tratam de theatro. Entre outras coisas diz nos o nosso collega que o «Sem rei nem roque» que no Moderno estava fazendo successo mudou-se com armas e bagagens para o *Avenida* a pedido do publico, pois que quem uma vez vá ouvir as piadas do Zé Perdigão, não mais deixa de lá ir emquanto as não sabe todas na ponta da lingua. Com a mudança a revista ainda melhorou pois o compére passou a ser feito pelo distincto actor-ensaiador Antonio Pinheiro. Do Porto voltou a companhia do *Apollo* tornando-se desnecessario dizer que a «Agulha em Palheiro» segue a sua carreira triumphal apenas interrompida por uns dias para ir colher louros á capital do norte. «Estou convencido que nos *Variedades* a empreza nunca terá uma casa fraca emquanto o cartaz annunciar o «Pó de Perlimpimpim,» o que, digo o fracamente, não admira pois que é peça que reune todos os requis tos para agradar ao publico. Não lhe falta pilheria, a musica é alegre, por vezes saltitante e accresce a tudo isto um soberbo corpo de coristas, são estas as palavras do nosso camarada.» Ellas ahi ficam *escarrapachadas* pois somos inteiramente da mesma opinião.

Ainda se refere Zé Pimenta á *Trindade* onde Taveira prepara a «Gente meuda» peça de successo garantido cujo 2.º acto deve ser deslumbrante. «Ao que me dizem, escreve Zé Pimenta, o Gomes tem n'esta peça uma soberba creação» Que estas palavras sejam a expressão da realidade são os nossos desejos. Ao nosso amigo sr. Antonio Santos dirige Zé Pimenta na sua carta os mais rasgados elogios «homem que não se poupa a despezas para bem servir o publico é o perfeito typo do emprezario moderno.» São muitos justas estas palavras. Actualmente está no *Colyseu dos Recreios* uma das melhores companhias de opperetta do mundo e o nosso amigo não só não augmentou os preços como ainda dá recitas populares com todos os logares a meios preços. As peças que a companhia tem levado á scena teem alcançado o maior successo o que aliás não admira pois o scenario é luxuosissimo e o desempenho sempre magistral. Não queremos especialisar mas não podemos deixar de felicitar a sr. Ida Zoada pela forma maravilhosa como desempenhou e cantou a Frantzi do «Sonho de Valsa.» Muito bem.

Ainda mais nos diz o nosso collega que as representações do *Theatro da Natureza* teem tido o maior aplauso do publico sendo assim coroada de exito a iniciativa dos illustres artistas do Republica D. Luz Velloso, D. Adelina Abranches, Alexandre de Azevedo, Raphael Marques etc.

Ora vejam

A direcção da Associação do Pessoal dos hospitaes declarou que uma mensagem entregue ao sr. Bello de Moraes não foi da sua iniciativa, mas d'alguns individuos de francacea memoria bem como d'um parente d'um manifestante de ha dias ao sr. Fragoso do «Portugal».

Parente d'um manifestante deve ser um typo muito perigoso para as instituições!

A camara tem se farto de comprar estatuas para se enfeitar com ellas.

Já não lhe chega o Frontão...

?

Uma grande novidade
Sucede na nossa terra!
Não vão julgar, com verdade,
Que rebenta alguma guerra,
Nem mesmo até na cidade
Houve quem fisesse berra.

Não é o padre Avelino,
Nem mesmo o *Espalha coiceiro*,
Ou outro qualquer *suino*,
Que avançasse, qual guerreiro,
Para nós, tocando o hymno
Do reisinho *pecegueiro*.

D. Amelia, não voltou,
Conforme disse ao largar
O bote aonde embarcou;
Foi no bote, *O' rivuar*,
E t'ás a ver, abalou
Para nunca mais voltar.

A coisa é outra, terrivel!
Se dizer assim se pode.
E' medonha, mesmo incrivel,
E agora ninguem me acode,
Não sei se é admissivel!...
Sabem? Rapei o bigode!

Loreno.

— N. da R.
Por não se par'cer 'um bode
Inda ficou mais *comivel!!*

Parece piada...

Abriu ao publico no sabbado passado o balneario da Esperança com 21 tinas para banhos.

Parece que foi feito de proposito para ralar o dr. Camacho!

Adeantadores

Foram descobertos roubos em varios ministerios da republica franceza.

Olha que grandes *thalassas*, hein!

ZÉ — Vão vendo: querem escangalhar-me o arranjinho e impingir-me um **presidente** e eu alcunhado de burro com razão por ser generoso e bom mas não ha remedio senão mostrar do que sou capaz e applicar-lhe a **pastilha** á minha vontade.